

ATA DA REUNIÃO GRUPO DE TRABALHO - CASO EVANDRO: APONTAMENTOS PARA O FUTURO – 04/08/2021-----

No quarto dia do mês de agosto de 2021, às 10h00, foi realizada a quarta **Reunião do GRUPO DE TRABALHO - CASO EVANDRO: APONTAMENTOS PARA O FUTURO**. Participaram da reunião, remota ou presencialmente: **Angela Christianne Lunedo de Mendonça**, Chefe do Departamento de Promoção e Defesa dos Direitos Fundamentais e Cidadania e do Departamento de Políticas para Criança e Adolescente e também Coordenadora do Grupo de Trabalho – Caso Evandro; **Dr. Olympio de Sá Sotto Maior Neto**, Procurador de Justiça, Coordenador do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Proteção aos Direitos Humanos do Ministério Público do Paraná, representando o Procurador-Geral de Justiça do Estado do Paraná Gilberto Giacoia; **Cláudio Marques Rolin e Silva**, Delegado responsável pelo Setor de Vulneráveis da Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa, representando o Secretário de Estado de Segurança Pública do Paraná Romulo Marinho Soares; **Rogério Nicolau**, Advogado integrante da Comissão da Advocacia Criminal, da Ordem dos Advogados do Brasil Seção Paraná, representando o Presidente da OAB Cassio Lisandro Telles; **Bruna Saraiva**, Presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente da Ordem dos Advogados do Brasil Seção Paraná; **Bruno Muller Silva**, Defensor Público Coordenador do Núcleo Especializado da Infância e Juventude; **Silvio Renato Fernandes Jardim**, Chefe do Departamento de Justiça; **Maria Eduarda Fonseca**, representante do Departamento de Justiça; **Rafael Moura**, Promotor de Justiça e membro do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Proteção aos Direitos Humanos do Ministério Público do Paraná; **Regina Bley**, membro do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Proteção aos Direitos Humanos do Ministério Público do Paraná; **José Wilson Souza**, Presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente; **Arlete Kubota**, do Conselho de Supervisão dos Juízos da Infância e da Juventude do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná; **Dorival Simões**, representando o Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial; **Carine Xavier**, representando o Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial; **Carmen Lúcia Pereira da Silva**, **Ana Raggio**, **Eloise Zanon Garcia** e **Ana Vitória Naumann**, do Apoio Técnico do GT; **Vania Mara Welte**, jornalista, autora da série de reportagens intitulada “As Bruxas de Guaratuba; **Valdir Roberto**, esposo de Vania Mara Welte; e **João Carlos Welte**, filho de Vania Mara Welte. **1. Abertura pela Coordenação:** Cumprimentando a todos os presentes, Angela Christianne Lunedo de Mendonça dá início à reunião. **ANA RAGGIO** fala: “Temos a nossa convidada ilustre, que a gente agradece muito por ter aceitado o convite, Vania Mara Welte. Vania, muito obrigada pela sua presença e por ter aceitado estar conosco nessa manhã”. **VANIA MARA WELTE** fala: “Sou eu quem agradece a vocês essa confiança. Eu espero poder ajudar o trabalho de vocês, porque é muito importante fazer justiça em qualquer situação e nessa então é muito mais importante quando famílias foram dizimadas. Nós erramos,

erramos e erramos e temos que corrigir os nossos erros”. **ANA RAGGIO** complementa: “Obrigada, Vania. Gostaria de também registrar que temos presente o filho e um irmão da Vania aqui na sala conosco, que vão acompanhar a pedido da Vania. Então, Valdir e João, obrigada pela presença e que tenhamos uma manhã muito proveitosa. Também gostaria de justificar a ausência da técnica do Departamento, Ana Felícia Bodstein, que está de licença médica em razão de COVID e do Marcel, Vice-Presidente do COPED, que está com audiência pública de sabatina dos candidatos à ouvidoria da Defensoria Pública do Estado do Paraná, e por isso não pôde estar conosco”. **2. Aprovação da ata da última reunião e informe sobre encaminhamentos aprovados:** Ata da reunião de 27/07/2021 aprovada por unanimidade. **ANA RAGGIO** fala: “Sobre os nossos encaminhamentos, a gente encaminhou os ofícios para a Secretaria de Segurança Pública e para o Ministério Público do Estado do Paraná, fazendo aqueles questionamentos que combinamos a respeito da melhor forma de fazer escuta e informações para atualização sobre o caso, se existem novas investigações e ações judiciais em andamento. A gente também encaminhou para todos os órgãos o pedido de indicação formal para que a gente possa fazer a nomeação do Grupo de Trabalho. Já recebemos alguns retornos do DEJU, por exemplo, e da Defensoria Pública. Se eu não me engano também já recebemos do Ministério Público um retorno. Então, em breve faremos a nomeação de todos e todas e encaminharemos para conhecimento a Resolução de nomeação. Fora isso, a gente fez um compilado de observações que foi enviado para todos e todas por e-mail em relação à apresentação do Ivan e está aberto para colaboração dos demais. Nesse sentido, passo a palavra para Angela para encaminhamento a respeito disso”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** fala: “Bom dia, colegas. Então, novamente vamos dando andamento ao nosso processo de trabalho. A minha sugestão é que nós possamos a cada relato dos nossos convidados, termos essa sistematização dos principais pontos indicados nesses relatos, para que ao final nós possamos fazer os destaques conforme os eixos construídos no Plano de Trabalho. Então, peço que os senhores apreciem as considerações feitas pela equipe técnica que foi enviado por e-mail e, caso haja necessidade de alteração daquele texto ou da inclusão de novos apontamentos, que o façam e encaminhem para a Ana Raggio, que coordena a Secretaria Executiva e a coordenação técnica desse Grupo. Na sequência, então, acho que nós podemos dar início à escuta da Vania”. **3. Perguntas dos membros do GT:** **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** dá início: Vania, antes de nós dirigirmos as nossas perguntas a ti, esse foi um pedido que você pudesse já ir diretamente respondendo as nossas perguntas, enfim. Eu gostaria só de te esclarecer qual é o objetivo do grupo, para que você, dentro do nosso Plano de Trabalho, entenda quais são as nossas finalidades. O objetivo geral é ‘analisar, de forma interinstitucional, o emblemático Caso Evandro, visando identificar possíveis violações de direitos humanos e sugerir aos órgãos competentes a adoção de medidas cabíveis para apuração de eventuais ilicitudes no caso, bem como sugerir a implantação,

implementação e fortalecimento de políticas públicas para evitar que as violações identificadas se repitam no Estado do Paraná'. Nós temos como meta 'elaborar relatório final, contendo informações sobre o trabalho desse grupo de trabalho e sugestões de medidas aos órgãos competentes, com a disponibilização de documentos dentro de um repositório público', para que isso também fique na memória e na história dos direitos humanos no Paraná. Caso você tenha interesse, podemos repassar cópia do Plano de Trabalho para você. Esse documento é público, não há nenhum problema em relação a isso. Nós já ouvimos, dentro do eixo Imprensa e Jornalismo, na organização do nosso Plano de Trabalho, o Ivan Mizanzuk, no dia 27. Hoje, então, é o dia de ouvirmos um pouco acerca da sua percepção e da sua imersão nesse caso, que é um caso tão emblemático. Então, acho que os membros do nosso colegiado já receberam a informação ontem de noite de que a Vania entende que seria melhor já começarmos com as perguntas diretamente destinadas a ela. Eu pergunto ao coletivo se alguém *a priori* já tem alguma pergunta estruturante que gostaria que a Vania nos respondesse e contribuísse com o objetivo do grupo. Bom, se não há por enquanto nenhum inscrito, eu tenho algumas perguntas que a equipe técnica já prudentemente organizou, e na medida que a Vania for colaborando conosco, as inscrições estão abertas. Então, Vania, uma das perguntas é essa: enquanto jornalista do jornal curitibano Hora H, a Senhora elaborou uma série de reportagens intituladas 'As Bruxas de Guaratuba', que inclusive lhe renderam o Prêmio Esso de jornalismo em 1996. Quais foram as suas motivações para o início do trabalho e suas principais conclusões a partir do trabalho investigativo?". **VANIA MARA WELTE** responde: "Eu trabalhava nesse jornal, ele era um semanário e isso era uma vantagem que eu tinha sobre os outros jornalistas que trabalham sobre pressão e têm que entregar matérias diárias. Eles não recebem uma pauta só, eles recebem duas, três, e tem que correr pela cidade em busca das informações. Eu tinha a vantagem de ter o semanário, então eu podia trabalhar durante a semana, mas eu não tinha carro, eu não tinha fotógrafo, eu não tinha motorista, então, era tudo no esforço e graças a Deus eu tenho um tesouro inesgotável de amigos. Então, um me levava de carro, outro me ajudava com a fotografia. E quando ele quis que eu fizesse outra matéria, foi porque eu tinha feito uma matéria sobre a Maria Bueno, e nessa matéria eu mostrei que havia uma pessoa ganhando dinheiro, chamada Santa, a Maria Bueno. Essa matéria rendeu uma venda muito grande de jornais, do jornal Hora H, e ele ficou entusiasmado e queria que eu fizesse essa matéria e eu falei que não ia fazer, porque eu defendo as crianças, eu não vou lidar com uma energia tão negativa, sangue, sequestro, cortes, arrancada de coração e essas coisas todas. Ele me disse 'Ah, você assistiu então ao assassinato? Você viu tudo isso que você sabe? Isso é verdade? Você então não quer fazer ou você é preconceituosa?'. Aquilo foi um tapa. Eu falei 'Eu não sou preconceituosa, pelo menos eu acho que não sou'. Daí eu saí dali sem dar resposta objetiva para ele e fui para a Biblioteca Pública. Eu já tinha terminado o meu trabalho e na biblioteca eu fui ler tudo, porque até então eu não tinha lido, eu via por alto e aquilo me deixava muito

angustiada, era muito triste tudo aquilo. Quando eu comecei a ler, eu comecei a notar o que eu considerava furos na história; por exemplo, só via acusações, não havia uma linha em qualquer jornal, em qualquer TV, em qualquer rádio, na defesa dos acusados; E cadê o direito ao contraditório? Isso não havia. A outra coisa é que eram sete pessoas praticamente desconhecidas. Então, eu comecei a pensar – claro que isso é hipotético, jamais vai acontecer isso – 'Bom, se vocês vão pensar em cometer um crime hediondo, horrível, monstruoso, você vão convidar mais seis pessoas que vocês mal conhecem ou vocês vão se unir a pessoas com as quais vocês têm a maior confiança?'. Isso é evidente, não há possibilidade de chamar pessoas estranhas para cometer um tipo de crime igual aquele. Então, isso também era uma coisa que me chamava atenção. Mas como? A outra coisa: que, embora fossem origens econômicas e culturais diferentes, nenhuma delas tinha qualquer acusação na sua vida particular ou pública. Então, da noite para o dia, todos eles se tornaram criminosos monstruosos e combinaram de cometer esse crime absurdo confiando um no outro? A partir daí, eu comecei a anotar tudo que eu via. Era impossível aquilo. Quando encontraram o corpo, o menino, a suposta vítima, ela tinha uma bermuda que ia até o joelho. O corpo é encontrado e aquela bermuda era um calção que estava 'xuringado' na perna e aberto ainda, não fechava. Então, aquele corpo era maior que o da suposta vítima; e depois, conversando com o Dr. Arthur Drischel, que era perito que pediu para eu conversar com ele, a gente percebeu que ele tinha dezenove centímetros a mais do que o da suposta vítima. O próprio pai, quando chamaram para reconhecer o corpo, ele disse: 'Não, eu não consigo reconhecer esse corpo', 'Mas olhe tem a roupa do seu filho', e o suposto tio ficou insistindo que aquele era mesmo o menino, até que ele concordou, então é o menino. Agora eu pergunto: é possível uma pessoa que tenha um corte em todo o pescoço, retirada toda pele, o cabelo, os cílios, as sobrancelhas, retirados os olhos, ou seja, era carne exposta, é possível reconhecer uma pessoa assim? Há uma frase que diz que a beleza tem a profundidade da pele. É exatamente isso, tirou a pele é uma coisa horrorosa, nós somos horríveis. Então, como alguém vai reconhecer o outro se as feições não existem? Era impossível reconhecer, além de que as mãozinhas tinham sido cortadas, os dedinhos dos pés também. Então, para quê? Para dificultar a identidade dele? Aí ele não tinha mãos, mas dias depois foram encontradas as chaves da casa dele. Mas como ele carregou as chaves se ele não tinha as mãozinhas? Dias depois, encontraram os chinelos. Como encontraram os chinelos se ele não tinha os dedinhos para segurar os chinelos de dedo? Então, todas essas coisas me chamavam a atenção e eu falei para o Cícero que eu ia fazer a matéria, porque havia muitos erros e a história não estava bem contada. Ele ficou muito feliz e assim nós fomos fazendo. À medida que as matérias iam aparecendo, algumas pessoas ligavam para mim me dando pistas que eu seguia. O perito Arthur Drischel e o padre que era exorcista também me chamou, me deu indicações e ele disse assim 'Eles foram torturados sim, eu, padre, italiano, estive em um campo de concentração e vi a capacidade que o ser humano tem de cometer torturas contra outros seres humanos, mas até então eu nunca

tinha visto a atrocidade que cometeram com Osvaldo Marcineiro. Ele tinha no lugar do pênis uma bola de carne de tanto que ele sofreu, de tanto que colocaram ele no choque elétrico e em outras coisas'. Então, essas coisas foram ajudando a dar sequência, a mostrar que realmente ele estava certo. É isso, mais alguma pergunta?" **Áudio inaudível.** **VANIA MARA WELTE** responde: "Bom, na época em que eu fiz a matéria era alguns anos depois da prisão e tortura deles, dos sete acusados. Ainda era muito difícil fazer o trabalho jornalístico, porque as pessoas – e até hoje há pessoas que acham que eles são bruxos, que são pessoas maléficas – então, imagine naquela época em que ouvia 'Mata, queima'. Enfim, esse tipo de coisa também era colocado obstáculos no trabalho, mas a gente ia e eu sempre tinha um amigo comigo que dava forças, que me levava. Eu devo muito, muito, muito para muitas pessoas que me ajudaram a ir até Guaratuba quando eu queria ouvir o Euclídio [Soares dos Reis], o chamado Barba. Eu só conheci o Euclídio vendo as fotos nos jornais, vendo a figura dele na televisão. Então, eu não sabia, eu nunca tinha visto o Euclídio. Então, imagine como eu tinha que guardar aquela imagem na cabeça para reconhecê-lo e quem foi comigo foi a Nani, que trabalhava no Governo do Estado do Paraná, o marido e a filha. Eles foram dirigindo um carro e a gente foi costurando Guaratuba, rua por rua, rua por rua. Primeiro na horizontal, depois na vertical, e ele foi olhando também, me ajudando a achar. Eu acho que também eu tive muita ajuda divina para isso, porque imagine nesse caso do Euclídio, eu falei 'Eu acho que o Euclídio é aquele homem que está ali do outro lado esquerdo' e eles diziam 'Não, ele está lá na esquina, do lado direito, naquele grupo de pessoas'. Então, eu falei 'Então você para o carro, eu vou descer aqui vocês continuam e vocês vão até lá'. Aí eu desci e eu vi que ele abaixava a cabeça, colocava a mão no rosto para falar comigo. Eu falei 'Por favor, o Senhor é o Euclídio?', esqueci o sobrenome dele agora. E ele disse 'Não, não sou, não sei, não conheço e tenho raiva de quem conhece'. Falei 'Nossa, tudo isso?'. Aí eu continuei conversando com ele e ele foi andando e entrando para dentro de casa, fechou o portão e não deixou eu passar. Eu continuei conversando 'Mas o Senhor mora aqui há muito tempo? Eu sei que o Senhor mora aqui há muito tempo, porque estou vendo o seu modo de vida, a sua casa, dá a impressão que o Senhor mora e mesmo se não morasse, só o fato do senhor estar aqui nesse momento, nessa casa, significa que o Senhor conhece o caso' e citei o caso. 'Não, não conheço, nem sei, nunca ouvi falar'. Nisso, era perto do almoço e abre uma janela, sai uma senhora pela janela e fala assim 'Clídio, benhê, quer almoçar agora ou depois?'. Aí eu não tive dúvidas, abri o portão, entrei e fui. Eu tinha esses lances de anjos de Deus que me ajudavam nessas coisas. Então, eu acho que realmente eles são inocentes, sempre achei, sempre achei que todos eles são inocentes. Não são santos, como eu também não sou, mas eles não cometeram esse tipo de crime. Eles não cometeram esse crime, eles não fizeram e por não terem feito, a minha obrigação como jornalista e como minha missão social do jornalista, era procurar, mostrar que eles eram e são inocentes. Agora, o que diferencia, porque eu comecei naquela época que era difícil, o Ivan veio agora, e eu também li os processos e

eram milhares e milhares de páginas e contei com a ajuda, por exemplo, de juízes. Quando eu não entendia as coisas, eu perguntava e eles iam me orientando. Agora, há pouco tempo, eu fiz Direito para tentar entender melhor todo esse processo, mas naquela época eu não tinha esse conhecimento jurídico. O Ivan, então, ele pegou o livro, leu, também leu o processo e, para ele, aquele é o corpo do Evandro. Para mim, não é. Até onde eu investiguei, eu fui até um pedaço em que me leva a conclusão de que esse menino está vivo, que algumas pessoas sabem que ele está vivo e sabem onde ele está. Essa é a minha conclusão. Então ainda, quem sabe, a gente possa vir a encontrar o Evandro Caetano vivo”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** continua: “Obrigada, Vania. Alguém do Grupo gostaria de dirigir alguma pergunta à Vania?” **DR. OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO** se manifesta: “Eu quero reafirmar minha alegria de ter reencontrado a Vania, embora em um momento tratando de algo tão triste. Nós, que trabalhamos junto no Estatuto da Criança e do Adolescente, na divulgação do Estatuto, enfim. Gostaria de ter te encontrado em outro evento comemorando os trinta e um anos do Estatuto da Criança e do Adolescente, que seria o momento melhor. Vania, nós todos, pelo menos eu, agora que a gente começa a ter mais informações sobre o que aconteceu. Eu não fiz na época, não era minha atribuição, enfim. Em relação ao fato de ser o Evandro aquele corpo do menino encontrado, parece-me que foi feita análise da arcada dentária, que se verificou pela arcada dentária dele com o Dentista que o atendia, que seria a arcada dentária do Evandro. Em segundo lugar, acho que foi feito exame de DNA, parece que até com o que havia de mais avançado na época no país, em Minas Gerais, e se identificou, pelo DNA, que se tratava do Evandro. Por que esses dois fatos não estão corretos? Tem alguma outra coisa que te leva a essa crença de que ele não é o corpo e que inclusive ele estaria vivo?” **VANIA MARA WELTE** responde: “É o seguinte, Dr. Olympio, eu também tenho muita alegria em encontrá-lo e pena que seja nesse caso tão triste. Além de todos os fatos que eu narro, dizendo que o Dr. Drischel, por exemplo, ele disse assim: 'Vania, você está certa, esse corpo não deve ser do Evandro'. Além do mais, ele perguntou para mim 'Você cozinha? Já descongelou carne?', eu falei 'Sim', e ele 'Como é que fica?', eu falei 'Ela dessora, né'. Então, aquele corpo dessorava, além do mais ele estava em estado avançado de putrefação e não tinha cheiro característico da putrefação. Por quê? Porque ele ficou condicionado em alguma geladeira, possivelmente no Instituto Médico Legal ou alguma coisa assim. Uma coisa que eu não falo é quando eu não posso provar, mas eu sei o que houve e estou falando agora para vocês, mas eu não fui adiante para provar, então eu não escrevi sobre isso, acho que eu nunca escrevi. Eu soube que houve o roubo de um cadáver naqueles dias no Instituto Médico Legal de Joinville, aí eu liguei para lá e conversei com uma moça e ela confirmou o roubo. Daí eu perguntei para ela como era o nome dela, se ela podia dar um depoimento, ela desligou o telefone e eu também não podia ir até lá, mas há possibilidade da Polícia investigar esse tipo de coisa. Essa é uma das coisas. A outra coisa são os dentes. Dr. Olympio, o Senhor teve cáries em sua dentição? Quais os

dentes cariados? O senhor sabe?” **DR. OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO** completa: “Eu não como doce, então tive pouca cárie”. **VANIA MARA WELTE** questiona: “Qual é o dente que foi cariado? Sabe dizer?” **DR. OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO** responde: “Acho que não, não sei”. **VANIA MARA WELTE** continua: “Nem eu. Algum dos Senhores, das Senhoras, sabe me dizer qual o dente que está cariado? Que foi tratado? Alguém sabe? Só se teve uma cárie só. Meu filho de quarenta e oito anos e não tem nenhuma cárie nos dentes, mas eu tomei remédio desde a gestação para que ele tivesse dentes saudáveis, tomei uma injeção por dia. Bom, mas voltando ao caso da dentição do Evandro. Aquela Senhora, ela tratava dos dentes de todas as pessoas da cidade. Ela não tinha uma ficha onde estivesse escrito dente tal, dente isso, dente aquilo, e ela só falou de memória. Como ela poderia ter a memória do tratamento que ela fez naquela criança? Aqueles dentes, da maneira como ela fala, ela não poderia dizer que aquele era o dente exato do Evandro Caetano. Ela não poderia. É uma coisa ilógica acreditar que a memória dela era tão boa. Isso é uma coisa que eu ponho em dúvida, em questão. Agora, o que me tirava o sono era a questão do DNA feito pelo Danilo Pena, um dos maiores geneticistas do mundo. Ele fez o genoma humano, ele é um cara que a gente tem que respeitar mesmo. Eu consegui localizar o telefone dele, onde ele trabalhava, e comecei a ligar para ele. Ligava, ligava e ele atendia, foi sempre super gentil comigo. Quando eu dizia o que eu queria, ele dizia 'Não vou falar sobre isso, não vou falar sobre isso', mas eu continua insistindo, jornalista crica é assim, insiste e deixa as pessoas malucas. Eu continuava ligando e ele dizia que não, que não, que era para eu desistir e eu continuei monitorando a vida dele. Por ele ser um homem público, eu podia às vezes saber para onde ele ia, o que ele ia fazer. Eu descobri que ele vinha para Curitiba e eu levantei o nome do hotel e o endereço de onde ele ia ficar. Quando ele chegou, às seis horas da manhã eu estava sentada no hall do hotel, ele já tinha chegado de noite e eu estava esperando. Perguntei se ele já tinha acordado, se ele já tinha tomado café, se sabiam e disseram que não. Daí eu pedi para me avisarem quando ele fosse tomar café. Me avisaram e ligaram para ele dizendo que tinha uma jornalista querendo falar com ele. Ele perguntou quem era, eu disse quem era e ele mandou dizer que já tinha dito que não ia falar comigo. Eu pedi para falar com ele um instantinho e ele falou comigo. Falei 'Olha, Dr. Danilo, o Senhor vai hoje na Universidade Católica dar uma palestra e as perguntas que eu quero fazer ao Senhor poderiam ser feitas aqui, no particular, mas como o Senhor não quer falar comigo sobre isso, eu vou ser obrigada a fazer as perguntas após a sua palestra e o Senhor vai ter que responder em público'. Daí ele falou 'Não, você não vai, eu não vou falar com você'. Como ele ia me impedir de ir? E falei 'Então tá, até de noite, eu vou estar lá' e nos despedimos. Pedi ajuda do Batu, que é um investigador que trabalhou muito em favor das crianças desaparecidas e eu falei 'Batu, você vai comigo?'. E ele foi. Pedi também ajuda para Suassuna – não o escritor, mas o nosso fotógrafo daqui de Curitiba – se ele poderia depois fazer uma foto do Danilo Pena, se houvesse condições de fazer a entrevista com ele, e que o Cícero

pagaria depois – já tinha conversado com o Cícero – e ele concordou. Então, ele fez uma palestra brilhante, brilhante mesmo, e ele dizia que os júris norte-americanos e europeus não aceitavam DNA que tivesse menos de 99,9% de certeza, porque havia uma janela, e essa janela, se o número fosse menor, não daria certeza do resultado do DNA. O que também me chamava atenção no documento que ele assinou é que ele dizia assim 'Se levarmos em consideração'. Se? Isso é uma premissa, não é um diagnóstico, não é uma afirmação, não é uma certeza. Então, isso também eu queria saber dele, porque ele escreveu isso. Era completamente diferente de qualquer diagnóstico de médico, de qualquer coisa. Então, eu fui na palestra, esperei, ele fez aquela palestra brilhante e quando ele terminou a palestra, ele olhou no relógio e disse 'Devido ao adiantado do horário, eu não vou abrir para perguntas aqui, mas se os jornalistas quiserem falar comigo, eu vou lá atrás em uma salinha' e indicou qual era o lugar. Aí nós fomos, chamei o Suassuna e fomos lá, só que pedi ao Suassuna que eu só ia fazer a pergunta quando todos os outros jornalistas fossem embora, porque eu não queria abrir para eles o que eu ia falar. Então, quando todos saíram ficamos só o Suassuna, o Batu e eu, e ele sentou à mesa como um Buda e falou 'E você?'. Eu falei 'Eu sou a Vania Mara Welte', e ele 'Não, eu já disse que não vou falar com você'. Falei 'Não, eu não vou falar sobre o Caso Evandro, eu vou falar com o Senhor sobre o resultado do DNA que o Senhor falou', e eu repeti o que ele tinha dito na palestra e falei 'E o resultado do exame do Evandro, é bem menor que 9,9; é 9,7, é bem menos' – eu não me lembro exatamente quanto era, mas era bem menor – e eu falei 'E o Senhor disse que nenhum Tribunal aceitaria isso, por que o senhor assinou, fazendo com que aceitassem isso?'. Ele pulou, e quando ele pulou, o Suassuna fez a foto dele irritadíssimo, então foi uma foto muito boa. Ele falou 'Está bom, eu vou falar', e ele disse 'Eu também sei sobre você, você trabalha para o Governo' – eu trabalhava pela manhã no Governo do Estado. 'Você já viu como o Governador assina documentos?', e eu falei 'Já'. 'Então, põe aquela pilha de documentos e ele vai assinando, porque ele confia nas pessoas ao seu redor. Eu também assinei aquele documento em confiança, porque era a minha equipe que tinha feito aquele trabalho, então eu assinei'. E eu falei 'Nossa, e esse documento colocou sete pessoas na cadeia, na prisão, torturados'. Ele disse assim 'Mas estou te falando isso' – e antes dele dar essa resposta ele pediu que eu não publicasse isso nas minhas matérias – eu falei 'Não vou publicar, mas pelo amor de Deus me diga a verdade'. E perguntei para ele também 'Outro dia, na sala do dentista, eu achei uma revista antiga e o Senhor dizia que aquele corpo do menino Evandro de Guaratuba, de doze anos – e quando o Senhor falou doze anos, o Senhor achou que aquele corpo era muito grande, mas o menino só tinha seis anos, então o Senhor também achou que aquele corpo era grande para aquela vítima', e ele 'É, mas você não vai falar nada disso'. Eu falei 'Não, não vou falar', e não falei. Quando ele terminou de me dar a certeza que ele também não tinha certeza do DNA, eu fiquei tranquila. O que me leva mais uma vez à conclusão de que não é o corpo do Evandro, aquele corpo encontrado e eu falei para ele 'Olha, Dr. Danilo, eu prometi ao

Senhor não escrever sobre isso, mas eu não prometi ao Senhor que eu não iria entregar todas as informações aos advogados de defesa, e o Senhor vai ser chamado no Júri para responder sobre isso'. Ele se assustou e disse 'Pode fazer isso, mas eu vou fazer o seguinte: quando for o Júri, seja o dia que for, a data que for, onde for, eu vou estar no exterior', e ele estava no exterior quando houve o júri. É isso, Dr. Então, eu tenho que ter cada vez mais certeza que aquele corpo não era do Evandro". **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** pergunta: "Dr. Olympio, o Senhor tem mais alguma questão em relação à Vania?" **DR. OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO** responde: "Não". **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** continua: "Obrigada, então. Eu acho que o Dr. Rafael havia manifestado interesse". **VANIA MARA WELTE** complementa: "Só para complementar. Dr. Olympio, tem mais uma coisa que me leva a dizer que o Evandro está vivo, porque se depender dessas sete pessoas acusadas, ele está vivo, porque eles não mataram o menino Evandro. Então, por isso eu ainda acho que ele está vivo". **DR. OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO** fala: "Obrigado, Vania". **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** questiona: "Mais algum membro do Grupo gostaria de fazer alguma pergunta, algum esclarecimento à Vania?". **CLÁUDIO MARQUES ROLIN E SILVA** fala: "Bom dia". **VANIA MARA WELTE** solicita: "O Senhor pode falar um pouquinho mais alto? Porque eu tive alguns dezoito pequenos AVCs e cada vez eu perco mais a audição, visão". **CLÁUDIO MARQUES ROLIN E SILVA** continua: "Vania, eu também tenho problema de audição, eu acho a todo momento que estou gritando. Está me ouvindo? Pois bem. Dr. Olympio, eu adoro doce, então não vou nem falar sobre a questão da denteição. Vania, eu não sei se é uma questão de sigilo da fonte, mas esse padre italiano que a Senhora mencionou, a Senhora pode informar quem é ele, se ele estaria vivo? O padre italiano que teria visto o Osvaldo Marcineiro naquela situação". **VANIA MARA WELTE** responde: "Está no livro, eu escrevi sobre ele. Ele era um dos dois exorcistas no Brasil e ele trabalhava numa paróquia na CIC. Eu posso pedir para Angela dar uma olhadinha no padre exorcista, como era o nome dele. Angela, por favor, está no livro que você tem na mão – e ele infelizmente morreu. Naquele dia que ele me chamou na Igreja e que eu fui, ele falou 'Vou te mostrar um presente que eu dei para mim'. Aí eu fui ver e era o túmulo dele, que ele falou que ia morrer logo". **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** informa: "Frei Miguel Bottacin". **VANIA MARA WELTE** fala: "Isso! Frei Miguel Bottacin. Obrigada". **CLÁUDIO MARQUES ROLIN E SILVA** continua: "Obrigado, Vania. E uma coisa que as suas explicações a respeito de acreditar que aquele corpo não é o corpo do Evandro, tem uma certa lógica, porque eu acredito, embora o Grupo ÁGUIA fosse um grupo que atuasse extremamente em alguns aspectos fora do âmbito da legalidade, essa questão de torturar a filha de um Prefeito, a esposa de um Prefeito, ligado ao Aníbal Khury, que era um poder político da época muito grande, não foi uma decisão isolada, tomada simplesmente por aqueles policiais. Ninguém seria louco, nesse sentido, e a questão de que naquele tempo não havia aquela preocupação que temos hoje sobre a cadeia de custódia. Hoje em dia um corpo

encontrado na rua já é colocado dentro do recipiente, já é lacrado, tem o número de lacre, o número de lacre já consta em várias situações e nós não sabemos como era naquele período a questão do DNA. Mas muito obrigado, Vania. Foram excelentes suas explicações. Obrigado”. **VANIA MARA WELTE** fala: “Tem mais uma coisa para lhe dizer, para dizer para todos. Vejam só como era doido tudo isso que um dia encontraram uma ossada que estava vestida com as roupas do Leandro Bossi, o filho do pescador João Bossi, que infelizmente já morreu, e o menininho ele tinha desaparecido dias antes do Evandro. Então, quando encontraram a ossada, que tinha as roupas do Leandro, disseram 'Olha, encontramos o Leandro Bossi'. Levaram aquela ossada para exames e quando veio o resultado, nem era um menino, era uma menininha. Então, quem vestiu as roupas do Leandro Bossi naquele cadáver? Quem? Quem vestiu sabe onde está Leandro Bossi, sabe quem fez isso e sabe quem é aquela menininha. Gente, o que é isso? Tempos depois, também o Leandro Bossi foi encontrado lá no Amazonas. Quando eu vi a figura do Leandro Bossi na televisão, era exatamente o contrário do que eu tinha visto na figura daquele corpinho mutilado que foi dado como Evandro Caetano. Aquele era menor, muito menor do que o Leandro Bossi. O Leandro Bossi era um menino forte, um menino saudável, e aquele era muito esmirradinho. Eu chamei a Dona Paulina Bossi e falei 'Por favor, olha a imagem dessa criança, ele é o seu filho?'. Ela olhou e falou 'Eu não sei', e eu falei 'A Senhora acha que seu filho poderia ter diminuído de tamanho nesses últimos anos?', e ela 'Pois é, ele é tão pequenininho, mas o João Bossi disse que é ele, então é ele'. Era assim que as coisas aconteciam. Um menino foi trazido para cá e descobriu-se que o menino tinha desaparecido em Santa Catarina e quem levantou esses dados descobrindo que esse menino era de Santa Catarina, foi o Batu, o investigador. Eram coisas improváveis, coisas incríveis que aconteciam naquele tempo, muito, muito, muito incríveis. Há muitas outras histórias que envolviam todo esse caso que me levaram a fazer as dezessete matérias e que o Cícero achou que estavam muito boas e mandou para o Prêmio Esso. Eu jamais imaginei que um dia iria ganhar o Prêmio Esso. Então, graças a Deus ganhei e é maravilhoso. Nunca também imaginei que a gente conseguiria um dia reverter essa situação e mostrar, porque eu era a única jornalista, a única que dizia que eles eram inocentes. Então, os meus colegas diziam para mim 'Como você pode defender bruxos assassinos?', e eu dizia 'Olha, vocês um dia vão ver que o caminho é outro'. Todo mundo acusou, todo mundo gritou tanto, que a partir desse fato e depois que eu ganhei o Prêmio Esso, as pessoas não acusam mais bruxos, dizem 'O suposto assassino, o suposto matador'. A palavra 'suposto' começou a existir. É isso”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** fala: “Não sei se o Dr. Rogério tem alguma pergunta. Não? Mais alguém do nosso coletivo que está no meio remoto? Dr. Silvio, por favor”. **SILVIO RENATO FERNANDES JARDIM** pergunta: “Bom dia, Vania, nobre colega de elevador da Secretaria. Nos encontramos algumas vezes já, né? Satisfação e eu nem imaginava que tu tinha esse acervo desse livro histórico. Muito interessante. Então, agora estamos juntos aqui debatendo um caso tão emblemático e

que se Deus quiser a gente pode juntos apontar, quem sabe, alguns caminhos mais importantes. Mas o que me chamou atenção nas suas convicções e é isso que eu gostaria de saber, é que depois do teu livro, depois de tudo que você acompanhou, vivenciou e você tem afirmado categoricamente aqui as suas impressões, eu só gostaria, até por curiosidade pessoal, saber qual é a sua impressão final. Afinal, o que aconteceu? O que existia? Depois de tudo que você viu, que você acredita e que aquele corpo não era dele. Tudo que você investigou e acompanhou, a sua impressão final. O que motivou aquilo tudo para ser imputado àquele grupo de sete pessoas essa culpa? Na sua visão, o que aconteceu? O que era o mérito desse caso?”. **VANIA MARA WELTE** responde: “Havia uma disputa política na época e na mesma época também os jornais, a Folha de Londrina, por exemplo, colocava nas manchetes que havia subfaturamento na compra de equipamentos na Secretaria de Segurança, que era comandada pelo [Moacir] Favetti, que era um Delegado Federal. O Governador Requião pediu na época que ele não queria que no Governo dele tivesse ladrão. Então, ele queria que essas manchetes fossem tiradas dali e colocadas sobre a questão de achar as crianças desaparecidas, que no Paraná nós tínhamos não me lembro se vinte e seis ou vinte e oito crianças desaparecidas. Muitas crianças desapareceram naquela época no Paraná e de vários cantos. Não era só no Paraná, era no Brasil inteiro. As crianças estavam desaparecendo, desaparecendo, e não se sabia como. Como as crianças desaparecem assim sem mais nem menos? Tem que ter uma causa, tem que ter um fator que leve a isso. Em Guaratuba, havia um cidadão chamado Diógenes Caetano, que é parente distante do Evandro e que também tinha uma rixa, uma espécie de ciúme da família Abagge. Ele começou a falar mal da família, ele disse que a Dona Celina tinha um caso com o pai dele – mesmo tendo a mãe ali do lado ele falava esse tipo de coisa – e Dona Celina pediu ao Prefeito, ao Aldo Abagge, que fosse tirar satisfações com aquele cidadão e fizeram isso, mas não resultou em nada. Ele continuou falando mal, fazendo panfletos contra a família e depois houve também um desacerto político e administrativo entre o Governo do Estado e o município de Guaratuba. Nesse desacerto, a questão da briga política e administrativa entre os dois lados, e a favor do Prefeito estava o Deputado Aníbal Khury – se bem que o Requião também era amigo do Aníbal Khury – mas ali se criou uma contenda entre todos esses personagens, e o Favetti, então, resolveu levar ao pé da letra a questão de resolver o caso das crianças desaparecidas, e ele tinha que resolver também o caso de Guaratuba, que para o Governador era importante. Então, com essa omissão – ou com apoio do Governador, não posso dizer qual é a palavra adequada para esse momento – ele foi e fez tudo que ele podia fazer, ele teve carta branca para fazer tudo que ele fez. O Dr. Adauto [Abreu], que é uma pessoa muito correta, ética, ele tentou fazer o que ele pode, só que o Diógenes também começou atacar o Grupo TIGRE – TIGRE? Era o TIGRE, né? Porque tinha o Grupo TIGRE e o Grupo ÁGUIA, e o ÁGUIA era da Polícia Militar. Então, ele começou a atacar e ele retirou o Grupo TIGRE e colocou o Grupo ÁGUIA, mas como o Senhor disse antes, eles não

fariam o que fizeram se não tivesse alguém mais alto dizendo 'Podem fazer', e fizeram. Infelizmente fizeram e o que me levou a escrever o livro é porque continuavam dizendo que eles eram, são assassinos, e a minha fala não alcançava todas as pessoas. Então, eu escrevi o livro para que quem pudesse ler, lesse e visse que se fizeram o que fizeram com pessoas que tinham poder econômico, social, cultural e político, o que não podem fazer com a gente? E era isso que assustava as pessoas de Guaratuba. Quando eu ia entrevistá-las, elas me diziam 'Eles vão matar a gente, eles vão matar a gente, não vou falar, não vou falar'. Então, era muito difícil arrancar a verdade daquelas pessoas e por incrível que pareça teve um momento em que quatro crianças desapareceram, elas foram carregadas e vieram parar em uma casa aqui no Atuba. O Batu e eu ficamos muitos dias ali olhando o que acontecia naquela casa. Eram muros altíssimos, uma casa grande de dois ou três pavimentos, não me lembro, e lá em cima, no último pedaço da casa, tinham janelas muito pequenas e todas com grades. Ali, uma das mães de crianças, ela disse que retirou o filho dela daquela casa e que naquela casa haviam muitas crianças, haviam outros meninos e que eram levados por pedófilos, e citava o nome de duas pessoas que estavam envolvidas nesse caso da casa. Então, eu não podia falar só com base no que a mulher falava, não podia citar isso. Eu fui atrás dos outros pais que tinham tido as crianças desaparecidas e que voltaram. O pai se negava, se negava, e chovia, chovia, chovia. Eu estava do lado de fora da casa, encharcada, ele na janela dando entrevista para mim e negando tudo que eu perguntava. Quando eu fazia a pergunta, uma criança pequenininha pulava e mostrava a cabecinha e dizia 'Ele está mentindo, ele está mentindo', e sempre negando o que o pai falava. Ele era o filho e ele empurrava a cabeça 'Cale a boca, menino, cale a boca, piá' e empurrava o menino para dentro. Quando eu vi que dali não ia sair nada, eu vi que tinha uma garagem coberta e eu falei para o menininho 'Filhinho, você não quer sair aqui na frente e ficar embaixo da garagem para falar comigo?'. O menino saiu correndo e veio falar comigo. Então, tudo o que eu consegui ali sobre o caso das quatro crianças que tinham desaparecido, quem me deu as respostas foi o menininho, que depois eu confirmei e ele estava dizendo a verdade e o pai se negava a dizer a verdade por medo. Ele tinha medo, ele falou depois 'Eu não falei porque eu tenho medo, eu tenho medo de morrer, eu tenho medo que matem meus filhos, eu tenho medo'. Eles tinham medo e o medo acovarda as pessoas, emudece as pessoas e eu entendia isso. Eu mesma quase fui levada, graças a Deus estou aqui falando com os Senhores e com as Senhoras. É isso, mas Deus protege". **SILVIO RENATO FERNANDES JARDIM** fala: "Muito obrigado". **DR. OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO** questiona: "Nessa casa não foi feita nenhuma diligência, Vania? Para se descobrir afinal de contas o que tinha dentro? Dessa casa onde estavam crianças e tal, não se fez nenhuma diligência? Você chegou a levar essa informação para alguém?". **VANIA MARA WELTE** responde: "Sim, sim. Ninguém foi lá fazer nada, ninguém. Eu tento agora passar por lá e ver, mas parece que a casa não existe mais, não tenho certeza, mas eu até quero falar com o Batu sobre isso, se ele lembra onde era

a casa. Eu me lembro que era no Atuba e ela ficava em um bico. Tinha rio aqui, rio aqui, ou seja, ela tinha visão de todos os lados, de todos os lados. Quem entrava lá via tudo”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** fala: “Obrigada, Vania. Não sei se o Dr. Bruno, José Wilson, nosso colega Dorival, Carine, que ingressaram agora, têm alguma pergunta?”. **BRUNO MULLER SILVA** responde: “Não, sem perguntas. Queria só agradecer a presença da Vania e as respostas das perguntas. Muito obrigado, Vania”. **VANIA MARA WELTE** fala: “A gente está aqui de passagem. O meu legado é o que eu posso fazer de bem para todas as pessoas”. **JOSÉ WILSON SOUZA** diz: “Eu também queria agradecer a presença da Vania e pela disponibilidade de estar conosco. Obrigado”. **VANIA MARA WELTE** fala: “Eu que agradeço”. **DORIVAL SIMÕES** fala: “Eu fui indicado agora pelo Grupo e eu estou participando da primeira reunião. Eu acompanhei esse caso praticamente desde o início, pois o Osvaldo [Marcineiro] era Vice-Presidente da nossa Federação, da qual eu era Presidente na época. Sofremos todos, vocês não imaginam o que nós passamos por tudo isso. Até hoje ainda existe discriminação, preconceito com a religião devido a isso. Eu fui indicado agora pelo CONSEPIR. Minha primeira reunião, eu quero me atualizar do que está acontecendo, do que vai ser, qual o propósito de tudo isso e estou para colaborar. O que for preciso para a gente esclarecer os fatos eu tenho interesse. Muito obrigado pela participação”. **VANIA MARA WELTE** fala: “Em relação a isso, Senhor, eu me lembro que a Beatriz [Abagge] foi condenada e acusada porque ela foi nessa casa em que o Marcineiro jogava búzios, e eu pensava comigo 'Meu Deus, se todas as pessoas que um dia jogaram búzios e se isso é crime, deveriam cercar o país', porque em todo o país tem milhares e milhares de pessoas que já jogaram búzios na esperança de ver o seu futuro. Então, é realmente o preconceito que existe e é muito triste, muito triste mesmo”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** questiona: “Dr. Rafael, tem alguma pergunta, Dr.? Algum complemento?”. **RAFAEL MOURA** responde: “Não tenho perguntas, só agradecimentos à Vania pela exposição, pelas respostas. Não tenho pergunta. Obrigado”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** pergunta: “Vania, nesse seu relato fica muito clara essa qualidade da persistência, da tua habilidade também em conversar com as pessoas e a busca das informações que você enquanto jornalista empreendeu e como relato aqui do teu livro, isso aparece de maneira bastante forte. Eu queria que você falasse um pouco para nós – e não foi à toa que nós começamos o nosso Grupo de Trabalho com o eixo da informação e do jornalismo – que você falasse um pouco do papel da imprensa e do jornalismo naquele momento, porque me parece que você foi um pouco contra a maré, você foi um pouco a resistência de um jornalismo crítico. Infelizmente a gente vem acompanhando, como no caso do Lázaro, uma força da mídia de um jornalismo muitas vezes até inconsequente. Na posição de jornalista, eu queria que você falasse um pouco dessa questão da imprensa em relação a casos dessa natureza e que envolvem crianças e adolescentes especialmente”. **VANIA MARA WELTE** responde: “Eu fui professora concursada da Federal e da Tuiuti de jornalismo.

Então, eu dizia para as meninas e para os meus meninos, meus filhos profissionais, eu dizia assim 'Olha, não acreditem na primeira frase, olhem bem as pessoas, olhem nos olhos; as pessoas, elas se traem quando elas mentem, então, observem, não aceitem a primeira resposta como positiva e é isso e acabou, mesmo que seja uma autoridade maior, e não tenham medo, não tenham medo; e outra coisa: duvidem, duvidem e duvidem até de mim, do que eu estou dizendo, mas duvidem e vão atrás das respostas, porque tem a verdade, a minha verdade, a sua verdade e a verdade'. Não é? Então, nós temos que ver tudo isso, observar tudo isso e há detalhes, há nuances que mostram que aquilo não é verdadeiro, aquilo não é verdadeiro e se não é verdadeiro eu não vou publicar. Aquilo que eu não posso provar, eu não publico, eu guardo para mim, como por exemplo, eu acho que eu tenho uma pista de onde estaria o Evandro, mas eu não posso provar. Então, se alguém tivesse muito dinheiro e quisesse ir atrás, eu passaria a informação. Bom, então eu sempre acho que a responsabilidade do jornalista é muito grande, porque cada um tem a sua arma e a nossa arma é a palavra. Então, eu dizia para os meus alunos 'Mas essa palavra tem que estar revestida de verdade e de justiça e bom senso, se não estiver revestida de tudo isso, essa palavra pode tanto matar, como prender, como acabar com a vida das pessoas, porque aí você estaria mentindo sobre a pessoa e você está colocando notas na vida dessa pessoa, você está caluniando, difamando, assim como se você fizer um trabalho bem feito você pode elevar essas pessoas e mostrar para a sociedade que isso é bom, que isso deve ser feito, que isso deve ser cumprido'. Não é fácil, não é e a gente se coloca em risco muitas vezes, mas eu que escolhi essa profissão como um militar escolheu a profissão dele, como um médico, enfermeiro que hoje estão na frente de batalha e morrendo, morrendo e morrendo por causa de COVID. Então, cada qual tem sua missão, sua missão social, sua missão profissional, sua missão pessoal e social. Eu tenho a minha e eu quero fazê-la da melhor forma possível. Então, é isso que eu falo para os meus colegas e que eu falava 'Vejam antes'. Quando a gente estava no Tribunal do Júri e eles disseram 'Você vai jogar todo o seu patrimônio, todo o seu legado no lixo' e eu falei 'Senhora, nesse momento eles vão mostrar o cadáver encontrado, eu quero que vocês olhem e me digam se vocês reconheceriam'. Todos eles ficaram pasmos diante do que eu dizia. Era impossível dizer 'É fulano, é ciclano, é beltrano'. Não dá, não dá. Então a partir daí as pessoas começaram a ficar mais atentas, mais respeitosas aos fatos, às verdades, às inverdades. Só para complementar, o Cícero pediu para que eu fizesse uma entrevista com o Dr. Francisco da Cunha Pereira, para aliviar um pouco essa tensão e ele disse 'Ninguém até hoje conseguiu uma entrevista com ele, vá lá e faça'. Essa crica aqui ficou meses e meses cercando o Dr. Francisco. Ora falava – me desculpem pela expressão – mas eu brincava e dizia que eu falava com os *pitbulls* dele, que eram as secretárias que blindavam o chefe para protegê-lo, ele não queria dar entrevista, nunca quis dar, mas eu insisti, insisti. Então, ligava para o Batel, para o escritório, para a Gazeta, ia ligando, ligando e nada. No segundo mês, eu estava cansada e eu dei um ultimato 'Olha, diga ao

Dr. Francisco que se ele não quer me dar entrevista, ele que diga para mim 'Eu não quero dar entrevista para você', ele vai poupar o tempo de vocês, o meu tempo e o dele. Agora, se ele quiser falar comigo, eu vou estar nesse telefone às tantas horas, nesse número às tantas horas' e dei toda a minha localização. O Dr. Francisco recebeu aquela mensagem e eu disse 'Até tantas horas estarei em tal número', mas ele não olhou o horário e ligou acho que era para o Palácio Iguazu, onde eu trabalhava pela manhã, mas eu já tinha saído e quem atendeu foi a minha amiga e colega Alicia Dudek. A Alicia atendeu e era ele quem falava 'Por favor, Alicia, quero falar com a jornalista Vania Mara Welte', e ela disse 'Ela não está, ela já foi embora, quer deixar recado?'; 'Sim, diga para ela que o Francisco da Cunha Pereira Filho ligou para ela'; 'Ah é? O Francisco ligou para ela? O Francisco da Cunha Pereira Filho, dono da Gazeta?'; 'Sim, diga que ligou para ela'; 'Está bom, e aqui é a Rainha Elizabeth'. Ele deu risada e disse 'Está bom, Majestade, dá para deixar o recado para a Vania?'. Ela anotou na minha mesa que alguém dizendo ser Francisco. À noite, tocou o telefone na minha casa, era bem tarde, 23h, eu atendi 'Pois não?', e ele disse assim 'Quero falar com a jornalista Vania Mara Welte' – ele era bem polido. Eu falei 'Quem é, por favor?'; 'Francisco da Cunha Pereira Filho'. Eu parei 'Dr. Francisco?'; 'Ué, você fica me caçando durante dois meses, quando eu ligo de manhã falo com a Rainha Elizabeth, de noite você se surpreende?'. Aí ele contou o caso da Rainha Elizabeth e começamos a conversar e ele disse 'Então mande as perguntas para mim e eu respondo'. Eu falei 'De jeito algum, quando eu fizer a pergunta, eu quero que o Senhor olhe nos meus olhos, eu olhando nos seus olhos, olhando o seu jeito, a sua maneira de dar resposta, para eu ver qual é a minha próxima pergunta'. E ele 'Ai, que medo'. Mas é isso, sabe, é isso mesmo e ele foi maravilhoso. Acho que ele pensou que eu estava escrevendo um livro sobre ele, porque quando chegava naquele ponto delicado ele dizia 'Vamos continuar a entrevista terça-feira às tantas horas?'. E eu aceitava e assim foi. Infelizmente ele morreu e foi a única entrevista que eu resolvi não terminar em homenagem ao esforço dele para me dar a entrevista, porque ele estava muito doentinho, mas foi muito maravilhoso também esse trabalho. É isso, a gente aprende com todos os entrevistados. A Dona Flora Camargo, com quase cem anos, de batonzinho, esmalte nos dedos, saltinho e falando comigo e eu falei 'Dona Flora, nessa sua idade, aonde a senhora vai buscar tanta juventude?', e ela falou 'Ah filha, é simples, eu tenho meu grito de guerra'; 'E como é, Dona Flora?'. E ela disse assim 'De manhã eu acordo, faço minhas coisas matinais, tomo banho e vou para frente do espelho, ponho um batonzinho, me arrumo, me visto e dou meu grito de guerra'; 'E como é o grito de guerra?'; 'Flora, não morra enquanto você não morrer!'. É uma lição para a gente, não é? Todos têm alguma coisa para nos ensinar, graças a Deus, a gente está aqui para aprender. Obrigada a vocês todos". **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** pergunta: "Que lindo relato, Vania. Realmente expressa o seu compromisso e o seu trabalho como parte de um percurso de integralidade pela vida, não só como uma profissão. Nessa perspectiva mesmo de como você foi construindo a

sua carreira e do seu olhar sobre esse caso, que é um caso paradigma, a partir dessa retomada do caso, enfim, dessas notícias, desses fatos que vêm à tona agora, o seu desejo, tem interesse em fazer um segundo livro?”. **VANIA MARA WELTE** responde: “Não, não. Não quero não. Agora quem tomou a frente foi o Ivan [Mizanzuk]. O Ivan que vá, que faça. Por exemplo, esse livro que eu escrevi, houve uma desavença entre as Abagge e eu, porque elas não queriam que eu colocasse esse título [As Bruxas de Guaratuba], queriam que eu tirasse algumas coisas que elas disseram e eu falei 'Vocês disseram para uma jornalista, já está escrito, está nas matérias, eu não vou tirar do livro'. Elas pediram então para que eu não editasse o livro, mas eu acho importante esse livro, acho importante para as pessoas lerem o que aconteceu, como foi essa saga, o quanto eles sofreram, o quanto nós erramos, nós sociedade, nós autoridades, nós jornalistas, todos nós. A gente se omitiu diante de tudo aquilo que estava acontecendo. Então, achei importante ter esse livro. Então, o que eu faço? Eu nunca ganhei um centavo por essas coisas, exceto o Prêmio Esso e o cheque que eles deram, mas isso era lá no jornal. O livro eu pago cada um, eu mando fazer manualmente em uma gráfica e pago cada edição mais de cento e noventa reais cada um, e dou para aquelas pessoas que querem saber como foi a história, o que aconteceu. Acho importante que isso seja divulgado, que seja lido, para que as pessoas se cuidem e observem e se ajudem. É para isso que eu fiz o livro, não para ter notoriedade ou para ficar rica. Eu não vou levar nada dessa vida. Eu estou em luto, há duas semanas eu perdi meu irmão mais novo e sei o quanto vale a vida. Desculpa”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** se manifesta: “Nosso sinceros sentimentos por isso, Vania. Sinta-se abraçada e mais uma vez aqui acolhemos esse momento tão delicado que você vive e a deferência pelo seu tempo e sua presença aqui conosco diante dessa situação dessa dimensão. Eu pergunto aos demais colegas se há alguma questão por finalizar. Podemos então encerrar essa fase do nosso Grupo para retomarmos na sequência os encaminhamentos. Alguém gostaria de se manifestar em relação à Vania? As palavras de despedida e agradecimento. A palavra está aberta”. **VANIA MARA WELTE** agradece: “Obrigada, Angela”. **BRUNO MULLER SILVA** se pronuncia: “Gostaria de agradecer de novo, Vania. Meus sentimentos pela sua perda também”. **VANIA MARA WELTE** pergunta: “Quem está falando?”. **BRUNO MULLER SILVA** responde: “Bruno, da Defensoria Pública”. **VANIA MARA WELTE** continua: “Obrigada”. **DORIVAL SIMÕES** fala: “Parabéns pela coragem”. **VANIA MARA WELTE** diz: “A gente vai morrer um dia, não vai?” **DORIVAL SIMÕES** dá sequência: “Eu sei o que foi isso”. **VANIA MARA WELTE** agradece: “Obrigada”. **ROGÉRIO NICOLAU** fala: “Gostaria de parabenizar a Senhora Vania também, pelo excelente trabalho que prestou, questionando. A nossa vida é feita de questionamentos, de dúvidas, e duvidar é sempre proveitoso. Obrigado, Senhora Vania. Muito obrigado pela participação e pelo excelente trabalho da Senhora. Aqui quem fala é Rogério Nicolau, representante da OAB, da Comissão de Direitos Humanos. Meus sentimentos pela sua perda”. **VANIA MARA WELTE** agradece: “Obrigada. Mas eu não sou Senhora,

eu sou jornalista. Senhores e senhoras são os Senhores e as Senhoras. A gente pode ter cem anos e vai ser sempre você”. **DR. OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO** fala: “Querida Vania, um beijo em você. Vamos nos reencontrar. E perder um irmão é uma coisa muito dura. A experiência recente de perder dois irmãos é uma coisa que nos tira o chão mesmo. É muito triste. Meus sentimentos, querida”. **VANIA MARA WELTE** continua: “Ao senhor também. A gente está colando os caquinhos né, Dr. Olympio? Um abraço”. **REGINA BLEY** manifesta: “Vania, eu gostaria também de agradecer sua presença”. **VANIA MARA WELTE** informa: “Eu me lembro de você”. **REGINA BLEY** continua: “Claro, eu também. Conheço seu trabalho lindo. Quero parabenizar mais uma vez pelo seu trabalho sério, crítico, que é uma coisa importantíssima e nem sempre frequente e corajoso. Você é uma mulher corajosa, guerreira, a gente conhece de longa data. Muito obrigada por compartilhar tudo isso conosco. É sentimento, muito sentimento pela perda do seu irmão. Um beijo grande para você”. **VANIA MARA WELTE** fala: “Obrigada, para você também, Regina. É um prazer estar com você, pena que seja assim em um trabalho tão triste”. **REGINA BLEY** fala: “Muito triste, mas a gente vai se encontrar em outras oportunidades, com toda certeza. Um beijo, fique bem”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** agradece: “Muito bem, Vania. Obrigada pelo seu tempo, pela sua história, pelo seu legado. Professora, jornalista, mulher, mulher coragem que deixa um legado tão bonito para todos nós. Venha tomar um café conosco aqui no primeiro andar D, será muito bem recebida e acolhida, nossa colega de trabalho, servidora pública por excelência. Tenha um ótimo dia e muita gratidão pelo que você é e pelo que você faz”. **VANIA MARA WELTE** responde: “Muito obrigada. Quem agradece sou eu, porque vocês estão ouvindo, então vocês vão ser repetidores dessa notícia, e sendo repetidores dessas informações, com certeza mais pessoas vão prestar melhor atenção no outro, no sofrimento alheio e vamos ter uma sociedade um pouquinho melhor. Se Deus quiser. Obrigada. Quem agradece sou eu”. **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** finaliza: “Vania, um abraço para sua família que também nos acompanha, tudo de bom”. **VANIA MARA WELTE** fala: “Obrigada. E se precisarem de novas informações, eu estou à disposição. O Secretário já tinha pedido para mim e eu falei 'Não quero mais falar sobre isso', mas não dá para não falar. Não dá. Tem que falar sim. Obrigada, muito obrigada, Angela. E obrigada pela ajuda do livro, em encontrar o Frei. A cada um de vocês, a cada um dos Senhores e das Senhoras, a minha gratidão e que Deus abençoe, proteja, guie a vocês e as suas famílias, sempre. Obrigada”. **4. Encerramento:** **ANGELA CHRISTIANNE LUNEDO DE MENDONÇA** agradeceu a todos os presentes e encerrou o quarto encontro do **GRUPO DE TRABALHO - CASO EVANDRO: APONTAMENTOS PARA O FUTURO**. Ata redigida por Ana Vitória Naumann e revisada por Eloise Zanon Garcia.